

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0016108

F
923.261
C263



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRCEU CARDOSO
Deputado Federal

**MOMENTOS CULMINANTES
DE UMA VIDA PÚBLICA**

Discurso proferido na sessão
de 27 de novembro de 1970

AMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1971

F 328.32
C268m



CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRCEU CARDOSO
Deputado Federal

MOMENTOS CULMINANTES
DE UMA VIDA PÚBLICA

Discurso proferido na sessão
de 27 de novembro de 1970

B0056108

*F 328.32
C 268m*

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
Brasília — 1971

DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES	
BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F47	26/5/41

O SR. DIRCEU CARDOSO:

O Sr. Presidente, srs., Deputados — Do alto desta tribuna, de onde ouço o soturno pendular das apurações últimas do Tribunal Regional Eleitoral do meu Estado, a oscilar melancolicamente entre o ser-e o não ser do meu mandato, sinto que devo trazer á Casa a que servi durante 12 anos, a afirmação de princípios pelos quais lutei toda a minha vida, como uma espécie de prestação de contas à hora da despedida, quando vejo se desvanecerem as esperanças de continuação de minha atividade no cumprimento de um mandato honroso que me outorgou o povo generoso e amigo do meu Estado.

E o faço, sr. Presidente, de cabeça erguida, sem nunca ter transigido com meus princípios, sem nunca me ter acomodado sob a capa das ageitações comprometedoras, sem nunca ter faltado ao eleitorado sob o disfarce dos acostamentos inconfessáveis.

Desde o início dos meus primeiros passos até á altura desses dias cansados, fui fiel sempre a mim mesmo e ás imperiosas exigências de uma vida vivida entre as dificuldades do dever e os imperativos da mais absoluta fidelidade aos princípios pelos quais norteei minha obscura vida pública.

Quando os deveres da vida pública me exigiram que estivesse contra os aproveitadores e os homens de falsa fé, ali estive na linha de frente dando o melhor de mim mesmo como o atesta o povo que me elegeu três vezes. Quando a minha consciência exigiu de mim a tomada de posição contra os oportunistas e os parequedistas de sorte, puz-me ao lado dos que lutaram para entregar o Estado aqueles que iriam servi-lo, sem procurar servir-se. Quando a vida pública me pediu que não acompanhasse os ambiciosos e os "eternos comedores de papo de Perú", estive na trincheira, amargando o pão suado e duro dos sacrifícios, mas me batendo para que o Estado fosse entregue aos mais dignos e aos mais capazes.

Nunca ambicionei nenhum cargo e nem tenho, na bagagem das minhas conquistas, nenhuma nomeação para o menor cargo público. Quando aqui deixar o meu mandato que procurei honrar

durante tantos anos, vou procurar recompor minha vida profissional sem nunca ter pensado numa nomeação ou num cargo para resguardar o resto de meus dias cansados e difíceis.

Se meus companheiros da Câmara desejarem procurar nos anais da Casa, encontrarão, durante a última presidência Mazzili, o caso de um deputado que devolveu com discurso, à Presidência desta Casa, uma passagem aérea ao Exterior, e propriamente aos Estados Unidos, por estar vinculado a um problema importante de seu Estado que se discutia numa Comissão de Inquérito: este problema era o caso do café em que o Espírito Santo foi tão sacrificado e o deputado fui eu que agora ocupa a atenção desta Casa.

Ocupo, pois, a tribuna, neste momento, Sr. Presidente, para falar de mim mesmo, para lembrar a Câmara e a mim próprio, os momentos culminantes de minha vida pública que devem ser inseridos nos Anais desta Casa porque fazem, e marcam, os instantes de rara grandeza para um representante do povo.

O primeiro deles, foi a 31 de janeiro de 1961, quando Juscelino Kubstschek, ao fim de seu honroso mandato se despedia de seu Ministério no Salão de Despachos do Palácio do Planalto, no instante mesmo em que, em nome de seus Ministros dele se despedia o vice-Presidente da República João Goulart. Tendo se esgotado o prazo fatal de assinatura de um ato de suma importância para meu Estado, eu entrava, forçando a entrada porque ninguém podia mais penetrar naquele recinto, e pedia ao Presidente para assinar seu último ato que corasse sua vida de Presidente do Brasil. E ali mesmo, perante seu Ministério que referendou a lei, o Presidente Juscelino Kubstschek assinou os autógrafos que deram a federalização à Universidade do Espírito Santo, a maior contribuição que dei a mocidade estudiosa do meu Estado, que hoje se equipara em direito e em regalias, à mocidade universitária de todo o Brasil.

Hoje, uma Universidade que ao tempo, do Estado recebia Cr\$ 76.000,00 cruzeiros de verbas para seu custeio e manutenção, recebe da União, através das verbas destinadas às Universidades do país a soma de 20 milhões de cruzeiros novos, em vencimentos de professores, em equipamentos e em instalações.

De todos os atos de minha vida parlamentar, este é o que estimula, eleva e dignifica meu mandato.

Outro ato que muito me honra, foi a leitura da carta-renúncia do ex Presidente Jânio Quadros, lida desta mesma tribuna, na memorável sessão de 25 de agosto e que desencadeou o processo revolucionário na nossa Pátria.

Mas, Sr. Presidente, o terceiro ato culminante de minha vida pública e que tem ressonância nesta Casa, porque envolveu sua dignidade e sua honra que foram inteiramente resguardadas, é o

caso, ocorrido na campanha eleitoral que há pouco se findou, quando tive ocasião de enfrentar, em situação de desigualdade de força e de poderio, de mando e de coação, o Governador do meu Estado, Cristino Dias Lopes Filho que, acirrada e desacomodadamente, caía sobre o meu partido, desapiedadamente, procurando destruí-lo na sua campanha de acusações e negações sistemáticas, para obter vantagens eleitorais.

Quero, finalmente, Sr. Presidente, nesta oportunidade, que pode ser para mim a derradeira, mostrar à Câmara que fui digno de meu mandato e que não o deslustrei apesar das ameaças e dos perigos, no instante em que tive de enfrentar, com minha consciência e meu dever, com meu sentimento de dignidade e de honra, um Governador desvairado que quis levar ao opróbrio e a indignidade um membro desta Casa que tinha a independência e altivez de enfrentá-lo, face a face, ante todas as ameaças e perigos, mas sem tergiversar, sem ceder, sem se amedrontar, com a coragem dos homens que acham que acima da própria vida há os deveres da honra e da dignidade que pagam qualquer sacrifício ainda que sejam os da própria vida.

Esta Casa conhece minha disposição e minha vontade, quando, aqui mesmo desta tribuna, declarei que homem de luta, quando assumia uma atitude, ia às últimas consequências, até onde o vento encosta a folha.

E foi o que viu meu Estado na atual campanha eleitoral. Quero mostrar à Câmara que fui digno do meu mandato que o povo me confiou ao longo de doze anos, e que nem na hora do perigo e da ameaça, nem diante de forças transigi ou fraquejei. Enfrentei a luta e creio que resisti à tempestade, porque mesmo dentro da tormenta consegui perceber os passos de Deus em auxílio de quem foi digno dela.

O Sr. Clóvis Stenzel - - Nobre Deputado Dirceu Cardoso, desejo ardentemente que o discurso que V. Exa. produz, dessa tribuna, não seja o derradeiro . . .

O SR. DIRCEU CARDOSO -- Obrigado.

O Sr. Clóvis Stenzel — . . . que o resultado do pleito ferido no Estado do Espírito Santo, onde convivi com V. Exa. durante muitos anos, não seja daqueles que possam resultar no furto de V. Exa. ao nosso convívio, nesta Casa.

O Sr. Pedro Vidigal — Muito bem.

O Sr. Clóvis Stenzel — E dou minhas razões. Apesar de Líder da Maioria e V. Exa. Deputado da Minoria, devo dizer, Sr. Deputado, que a Revolução de Março de 1964 deve a Deputados, nesta Casa, a formação da opinião pública que possibilitou a sua eclosão. Entre esses Deputados, destaca-se V. Exa.

O Sr. *Pedro Vidigal* - - Com bravura extraordinária.

O Sr. *Clóvis Stenzel* — V. Exa. foi um dos homens que esteve na vanguarda, quando o Brasil passava por perigos que a História registra. Eu, no Estado do Rio Grande do Sul, apreciando os trabalhos cêste Congresso, via o nome de V. Exa., como sempre, durante tôda a sua vida pública, na vanguarda, nunca na retaguarda à espera de como as coisas se decidam. V. Exa., na vida política, nunca foi o objeto, sempre foi o sujeito. Outra razão, nobre *Deputado Dirceu Cardoso*, é que se esta Casa tem homens dignos, padrões de virtude e de honradez, na vida pública e na vida privada, um deles também é V. Exa. Por estas razões por mim expostas, sem analisar problemas de ordem política local, atual, porque distante estou do Estado do Espírito Santo, não posso deixar neste instante, por um princípio de justiça e por isso de dever de dar o aparte que acabo de proferir ao seu discurso. (*Palmas*)

O SR. DIRCEU CARDOSO — Agradeço profundamente sensibilizado as generosas expressões do *Deputado Clóvis Stenzel*, que refletem mais a expressão de uma velha camaradagem vivida no plenário da Assembleia Legislativa do meu Estado do que mesmo um pronunciamento de justiça.

Por isso, Sr. Presidente, medindo bem o quanto possam as minhas palavras e os meus pensamentos nesta hora, quero dizer apenas à Casa que aquele que na alvorada da revolução de 64 lutava pelos mesmos princípios democráticos pelos quais *ele* luta hoje, na mesma trincheira e na mesma posição, aquele mesmo homem conserva sua alma inteiriça e é o bem que Deus me deu e é só o que peço a *Ele*: conservar até o fim dos meus dias, cansados e sofridos, desesperançado às vezes, a alma inteiriça que me deu desde os meus primeiros dias. Quando mesmo, Sr. *Presidente*, ao fim desta minha vida pública tão atormentada e difícil, sinto que até o meu anjo da guarda já esteja cansado. E é por isso que, sentindo na palma da mão as palpitações de um destino que pode ser amanhã amargo, enfrentando as suas decisões de cabeça erguida, pronto a dar de mim o que fôr possível e necessário para que conserve até o fim dos meus dias a minha alma de bronze e o meu coração de criança.

O Sr. *Wilson Roriz* - - Nobre *Deputado Dirceu Cardoso*, o testemunho pessoal de nosso líder *Clóvis Stenzel* a tudo aquilo que se constitui o caráter e a dignidade de V. Exa. já foi dito nesta Casa, não representando nosso Partido, mas o próprio Poder Legislativo. Trago-lhe um testemunho pessoal de nosso lado até março e depois de março de 1964, quando periclitavam os próprios destinos da Pátria comum e foi graças a gritos como os de V.

Exa., que nós conseguimos, afinal, despertar aquelas forças que se uniram para libertar êste País de tanta coisa. Um destino político ingrato colocou V. Exa., talvez em função dessa alma de criança e desse fabuloso espírito público que possui, ligado a atritos regionais, em trincheiras diferentes da nossa, lutando, todos nós, muito embora, por um destino comum da grande Pátria que todos nós almejamos ser no futuro. De forma que nesta tarde em que acredito que o anjo da guarda de V. Exa. tenha escrito nas urnas de sua terra natal a sua vitória eleitoral, por quem todos nós torcemos, V. Exa. tem apenas uma oportunidade a mais para receber a homenagem que todos nós, como amigos, como correligionários, como colegas neste Parlamento, tributamos a um dos grandes nomes que orgulham e orgulharão sempre a Câmara dos Deputados do Brasil. (*Palmas*)

O Sr. *Lauro Cruz* -- Sr. *Deputado Dirceu Cardoso*, o nobre Líder da ARENA já expressou os sentimentos de apreço e de admiração do nosso Partido por V. Exa. Subscrevo tudo quanto S. Exa. disse. Mas, desejo ocupar êste microfone por alguns instantes para expressar a V. Exa. a amizade e a admiração pessoal que tenho por sua personalidade. Sr. *Deputado Dirceu Cardoso*, quero felicitar o Brasil porque no Partido da Oposição estava V. Exa., quando o vi várias vezes, lutando por suas teses, eu não tinha a impressão de que V. Exa. estivesse no partido contrário, porque os partidos existem para lutar pelo bem da mesma terra. E outra não é a missão de V. Exa., se não lutar pelo bem do Brasil. V. Exa. não lutava contra a ARENA, contra êste ou aquele governo; V. Exa. lutava por princípios, por teses, por aquilo a que a sua consciência de homem de bem aspirava para o Brasil. Felicito-me por ter pertencido a êste Parlamento que V. Exa. integrou de maneira tão alta, tão superior e que deixa no nosso espírito uma grande admiração. Sr. *Deputado Dirceu Cardoso*, espero que os resultados desta eleição ainda sejam favoráveis a V. Exa., porque o Brasil precisa de homens como V. Exa. (*Muito bem*).

O SR. DIRCEU CARDOSO - - Agradeço, Sr. presidente, os apartes dos nobres colegas do Ceará e de São Paulo, que viveram comigo aqueles momentos decisivos da democracia brasileira, pelas suas manifestações tão generosas, derramando-se em elogios, numa inundação que eu não mereço, porque apenas cumpro pálida e obscuramente o meu dever.

Sr. Presidente, outro momento que desejo marcar em minha vida pública tem relação com esta Casa. É por isso que vou prestar contas à Câmara dos Deputados.

Enquanto eu lutava no MDB, no meu Estado, o Governador, desçaçaimado, em fúria, arremetia contra seus adversários, nestes tēmos:

"Os senhores -- falando em Barra do São Francisco — devem esfregar a cara desse deputado na parede dos prédios, para ver se lá existe a obra ou não. Se a cara dêle sangrar é porque existe. Faça com que êle esfregue a língua no asfalto da estrada. Se sangrar é porque a obra existe».

Não falou contra nós; falou contra um seu correligionário da ARENA, que hoje ocupa uma das cadeiras de representação do meu Estado nesta Casa e que nos ouve nesta hora.

Para que a Câmara dos Deputados tenha uma imagem viva da personalidade do atual Governador, que, embriagado pelo poder e pelo mando que usufruiu como nenhum outro Governador depois de "controlar» a imprensa capixaba, com exceção de um só jornal, com o dinheiro do Erário Público, teve sonhos de grandeza e de ostentação que nenhum outro Governador do Brasil jamais teve, vou traçar para a Casa o retrato, de corpo inteiro do atual Governador do meu Estado, Cristiano Dias Lopes Filho, em fatos e episódios que fixam sua personalidade e marcam seu ódio que não cança, não transige e não perdoa.

Nascido nas barrancas do Itabapoana, no Sul do Estado, numa fazenda modesta, e tendo vivido como deputado estadual e como professor secundário uma vida simples e sem brilho, quando se apanhou eleito Governador, pelo voto de 32 deputados estaduais, encarnou a vaidade humana e se desmandou em desvarios de falsa grandeza que fizeram estarrecer o Estado.

O Espírito Santo é um Estado pobre como ele próprio tem declarado nas suas infelizes aparições na televisão. Pois, bem. Nosso Estado tinha dois belos palácios Governamentais: o Palácio Anchieta, dos melhores que no Brasil se conhecem, no centro da cidade e o da Praia, para repouso do Governador. Pois o nosso Governador, embriagado de poder e de vaidade, fez construir nas montanhas de Santa Teresa, um terceiro Palácio, o Palácio de Verão, qual nôvo Hitler, com o seu refugio de Berchtersgaden.

Construído e decorado pela técnica mais moderna, ostenta o Espírito Santo este extranho recorde brasileiro: somos o único Estado que tem três Palácios para o luxo e a ostentação de seu Governador.

À par dessa ostentação, também somos o Estado que pode se orgulhar de possuir outro recorde, o famoso «Esquadrão da Morte» formado por Delegados, detetives e comissários, em número de 9, presos e processados pela Justiça de meu Estado, que deu o

exemplo de sua independência e de sua incorruptibilidade, aliás já destacadas nesta casa através de discurso de minha autoria, e que fuzilou 22 brasileiros, de pés e mãos amarradas nas costas, com arame, no pontal de areia de Barra do Jucú, e os sepultou sem identificação, depois de roubá-los, como se provou ao longo do rumoroso processo. Era Secretário da Segurança o irmão do Governador.

O processo correu em Vitória e aguarda seu desfecho com o julgamento dos implicados, pelo juri de nossa Capital.

Nesse processo, interveiu o Governador, procurando coagir o Dr. Promotor Público da época que servira como representante do Ministério Público no Inquérito Policial, solicitando que modificasse uma parte de seu relatório que acusa a Secretaria de Segurança dirigida pelo seu irmão, intervenção que recebeu pronta e enérgica repulsa do Dr. João Valdetaro Neto, cuja atitude foi por nós louvada, desta mesma tribuna, quando aqui relatamos, para estarrecimento da Casa, o episódio dantesco do famigerado "Esquadrão da Morte».

Enquanto os "Esquadrões da Morte» de outros Estados são grupos policiais que jogam sua vida enfrentando a horas tardias, a violência e o crime, a coragem e o ataque de marginais, bandidos e criminosos que vendem caro sua vida, o "Esquadrão da Morte» do Espírito Santo, é criação teratológica, é a formação de uma quadrilha de delegados, detetives e comissários que, organizada á sombra da lei e sob a Secretaria de Segurança, se formou para roubar carros e dinheiro de proprietários de fora, e depois de havê-los roubado, fuzilou esses 22 brasileiros, de pés e mãos amarradas, sem direito de defesa, sem nunca terem sido levados a presença de um Juiz para ouvir-lhes as queixas ou para serem identificados, sem lhes dar o direito sumário de fugir ou de correr, depois de exigir-lhes que cavassem suas próprias sepulturas, onde foram em seguida, sepultados.

Todos os 22 corpos exumados por iniciativa das autoridades militares federais que tomaram a iniciativa do esclarecimento do caso, foram encontrados de pés e mãos amarradas de arame, e sepultados sem citação de seus nomes para dificultar uma possível identificação.

Suas viúvas procuram seus maridos até hoje, indagando seu paradeiro das autoridades policiais de Vitória, junto à Secretaria de Segurança.

Por isso, o atual Governo do meu Estado é o Governo do "Esquadrão da Morte» como é chamado no Espírito Santo.

Também contra mim, na minha terra natal, no meu chão sagrado, no meu território usou de expressões, de acusações injuriosas contra a minha vida pública, inclusive dizendo que eu era in-

intermediário do dinheiro comunista da Tcheco-Eslováquia, que procurava introduzir no País.

Sr. Presidente, estava no norte do Estado, chefiando a caravana do meu partido. Ao tomar conhecimento da agressão insólita, mentirosa e caluniosa à minha pessoa, passei um telegrama ao Governador do Estado, no dia 30. Dêle não recebi resposta. Mas quero lê-lo, para que conste dos Anais, porque é um depoimento que estou fazendo para que a Câmara possa bem avaliar os dois homens que lá se digladiaram, que lá se enfrentaram e que lá se combateram. Disse, no meu primeiro telegrama:

"De volta do interior do Estado, onde estive a serviço da caravana do meu partido, li, na "A Gazeta" e no "Diário", levianas acusações contra mim assacadas por V. Sa. Custou-me acreditar que fossem feitas por um Governador. Aceito o desafio lançado por V. Sa. e, como homem de honra, lanço um repto, para estender nosso debate oral desde o palanque de Muqui até a televisão de Vitória, passando por todos os municípios onde já falamos perante o povo, face ao qual comprometemo-nos a provar as acusações recíprocas que nos fizemos, sob pena da falta ao cumprimento moral desse desafio ser considerado como derrota moral para quem deixar de aceitá-lo».

Este telegrama, passado no dia 30, não teve resposta.

No dia 5 de novembro, passei novamente ao Governador injuriador o seguinte telegrama:

"Governador Cristiano Dias Lopes. Palácio Anchieta. Conforme meu telegrama do dia 30, aceitando seu desafio, e do qual ainda não recebi resposta, estarei no palanque de Muqui, à sua espera, com meus documentos e minhas provas. Se V. Sa. puder provar sua mentirosa acusação, descerei do palanque, depois de haver renunciado ao meu mandato de Deputado Federal. Como vou provar todas as acusações que lhe fiz, ao longo de 75 comícios e na televisão, em Vitória, espero que suba ao palanque como Governador e dêle desça como injuriador da honra alheia. V. Sa. pode trazer sua Polícia, porque me encontrará sozinho, com minhas provas e minha verdade. Espero V. Sa., pois, domingo, dia 8, às seis horas da tarde, para o duelo da honra entre o Governador e este obscuro Deputado Federal. Dirceu Cardoso.»

Sr. Presidente, o telegrama foi passado no dia 5. No dia 8, como havíamos apazado, encontrava-me no palanque, no mesmo

palanque onde êle desejava que eu estivesse para o debate, mas na véspera do dia 8, o Gabinete Civil do Governador distribuiu uma nota pelo Estado, dizendo que os compromissos de inaugurações de estradas e pontes no interior do Estado não permitiriam que êle comparecesse ao debate público e ao desafio da honra em Muqui, no meu município, no meu chão, no meu terreiro, onde êle me havia desafiado.

S. S. estava gozando do conforto do 3º Palácio de Santa Tereza, no centro do Estado.

O Sr. *Tabosa de Almeida* — Sr. Deputado Dirceu Cardoso, se as urnas do Espírito Santo não lhe fizeram a devida justiça, pior para o seu Estado, pior para esta Casa, pior para o Congresso Nacional. V. Exa. nada perderá se por acaso tiver de voltar às suas atividades particulares e privadas. Mas o Congresso Nacional, o Estado natal de V. Exa., a sua terra, o seu terreiro de Muqui, o Brasil inteiro, todos nós perderemos com a ausência de V. Exa. nesta Casa, com sua voz autorizada de homem de bem, de homem de brilho, de homem retilíneo, de homem honrado, cuja dignidade não pode ser ferida por nenhum ataque, parta de quem partir. Quero dizer que se V. Exa. não voltar a esta Casa, por uma injustiça das urnas do seu Estado, eu estou certo de que no próximo quadriênio V. Exa. não ficará mais cansado nem terá cansado o seu anjo-da-guarda; rejuvenescerá noutras lutas, noutros ambientes, talvez ainda mais notáveis. Por isso, sem dúvida, V. Exa., ainda poderá voltar ao Congresso Nacional, a fim de continuar a pregação cívica que o tornou um dos mais dignos representantes do povo brasileiro.

O SR. DIRCEU CARDOSO - - Agradeço comovido mais essa demonstração de apreço e amizade do ilustre colega que honra a representação de Pernambuco, do Magnífico Reitor da Universidade, que, com sua generosidade, tanto me comove na hora em que estou prestando contas do meu mandato à Casa a que pertença.

O Sr. *Humberto Lucena* — Tenho para mim que a esta altura não podemos lamentar a não reeleição de V. Exa., porque as apurações no seu Estado ainda não chegaram ao término e, portanto, V. Exa. poderá perfeitamente vir a atuar mais uma vez na Câmara dos Deputados, defendendo, como sempre o fêz, com inteligência e dignidade, os postulados do Movimento Democrático Brasileiro, em cujo nome, neste momento, pela sua bancada nesta Casa, trago a V. Exa. a mais irrestrita solidariedade diante dos lamentáveis fatos que relata dessa tribuna que teriam ocorrido durante a campanha no seu Estado e que são mais uma prova sobeja para toda a Nação de como foi o quadro eleitoral de 15 de novembro. Mais do que as minhas palavras, mais do que as palavras

de V. Exa., falará mais alto, dentro em pouco, o Deputado Djalma Falcão, Vice-Líder do MDB, quando ler da tribuna as declarações de um Governador de Estado, Sr. Paulo Pimentel, sobre o que aconteceu no Paraná.

O SR. DIRCEU CARDOSO — Também agradeço as generosas palavras do nosso Líder, que tanto tem dignificado e honrado nossa bancada e a própria vida parlamentar brasileira com a sua atuação, com a sua bravura moral, com a sua firmeza de princípios e de caráter.

Sr. Presidente, sou um dos poucos Deputados brasileiros que se elegem num município de quatro mil votos. Como sempre achei que o político é um mercador de esperanças, lutei no meu Estado e tenho recebido em todos os municípios a votação que me tem trazido a esta Casa, pelo que agradeço, do fundo do coração, a votação que me deram amigos e correligionários dedicados a quem serei sempre agradecido.

Mas, ante a insólita, injuriosa e mentirosa acusação do Governador, que num comício em minha cidade, na praça pública, diante do templo a cujos altares se prosterna a nossa comunidade, eu não tinha outra alternativa senão aceitar o debate e pedir que ele lá fosse para cumprir a sua palavra, num desafio da verdade e num duelo da honra. Fui para a televisão em Vitória e li este telegrama diretamente a S. Exa., dizendo: "no debate da honra nada pode levar o homem a falhar, muito menos quando ele é o desafiante e é um Governador; nos desafios da honra vai-se para morrer, mas vai-se atender aos apelos da própria honra".

Assim pensando, na antevéspera fui à televisão e disse ao Sr. Governador: "Vá, Sr. Governador. Eu o espero naquele palanque no dia 8, domingo, para o qual V. Exa. me convidou e me desafiou. Vá com suas acusações, mas não falhe, porque aquele que falha ao chamamento da honra não é digno de dirigir uma campanha e muito menos de governar um povo! Não falhe a esse chamamento. Espero, pois, V. S., domingo, dia 8, às 6 horas da tarde, no Palanque de Muqui, para o desafio da verdade e para o duelo da Honra.

Vá até para matar se preciso fôr Sr. Governador mas vá atender ao duelo da honra. Eu vou até para morrer, mas la estarei".

Quero que a Câmara inscreva em seus Anais o telegrama que li. Eu não seria digno do meu mandato nem uma hora mais se ele fosse desonrado no palanque da minha terra, se o Governador provasse uma só das acusações contra mim levantadas; E, dentre elas, a de que eu tinha sido intermediário de dinheiros de um grupo comunista tcheco-eslovaco na nossa terra e outras sandices.

Pois bem. No dia 12, em face do comunicado do Partido de que o Sr. Governador não viria, voltei à televisão e ali, desabridamente, disse ao Sr. Governador: "Sr. Governador" — este boletim não é o comunicado do seu Gabinete Civil ao povo do Espírito Santo - "Isto é o atestado da sua morte moral. O senhor é um cadáver, o Senhor é um homem putrefato, o Senhor — já não está mais cheirando bem, porque é um defunto de quatro dias. Fugiu ao debate para o qual me convidou e me desafiou. Na hora em que devia comparecer com suas provas, sob a alegação de uma inauguração qualquer, de uma ponte, de uma estrada ou mesmo de um caminho, fugiu ao compromisso sagrado com a verdade e a honra alheia".

Sr. Presidente, entrei, no dia seguinte, no Tribunal Eleitoral do Estado com a representação nº 98.494 contra o Sr. Governador. Iguamente de imediato, ingressei no Tribunal de Justiça do Espírito Santo com uma queixa-crime contra S. Exa., como injuriador, difamador e caluniador. Tomou ela o nº 950, em data de 13 de novembro de 1970.

Vou dirigir ao Comando Militar da Guarnição Federal de Vitória um pedido de instauração de IPM contra o Governador, para que S. Exa., prove em que fonte, em que meios, de que maneira, em que mundo e em que estrela foi buscar notícia ou informação sobre esse dinheiro tcheco-eslovaco comunista que eu estava introduzindo no País.

Quero, nesta hora, Sr. Presidente, dizer que, derrotado ou não, como disse, esperando esse pendular soturno das contagens últimas de votos, sem reclamar de ninguém, sem queixumes, sem mágoas, sem ressaibos, aceito a derrota como aceitaria a vitória. De cabeça erguida. Como um fato inexorável a cuja destinação o homem público ou ninguém pode fugir. A vitória ou a derrota eu aceito na trincheira, coberto do pó dos caminhos e na alma, as "condecorações" da luta.

Não tenho queixas de ninguém, nem do voto que me faltou, nem de coreligionários que se bandearam. Não culpo a ninguém. Só tenho que agradecer a meus amigos e coreligionários. Culpo a mim próprio, à minha luta. Como dizia Ortega y Gasset: «Eu sou eu e minhas circunstâncias».

Mas quero mostrar à Câmara, neste episódio e neste instante, que defendi o corpo legislativo de que faço parte, pois não queria meu mandato, nem mais uma hora, maculado ou malsinado por um ato indigno ou sendo considerado um vendilhão da Pátria. Lutei aqui, como esta Casa é testemunha, contra a comunização, na hora em que lutar contra a cubanização e a bolchevização do País era uma atitude temerária. Lutei, enquanto o governador, subia ao

Juladores, dos seus formadores de cortina de fumaça se distancia da realidade. Manifestamos a nossa lástima ou, então somos obrigados a confessar francamente e com profunda tristeza, chegamos a conclusão de que se uma Revolução no Brasil se fêz para manter neste país os códigos éticos de administração pública vigorantes no Espírito Santo, abominamos esta revolução e temos pena dos que se entusiasmaram por ela.

Se uma revolução se fêz para manter, em outros Estados, o que existe no Espírito Santo, essa revolução não teve sentido, obejtivo, essência ou mesmo nada.

Se essa revolução foi feita para que outras partes da Federação se consagrasse o império da irresponsabilidade administrativa, usasse de autoridade administrativa que constitui a tônica do Govêrno do Espírito Santo, é uma Revolução falida nos seus objetivos, propósitos e ideais, se é que os TEVE"

"Diário Oficial do Estado, in «Diário do Poder Legislativo»)

Aí estão as palavras marmóreas, finais, de crítica desaiçamada e violenta aos próprios ideais da Revolução.

Aí está o retrato moral do Sr. Governador que agora se tornou, no nosso Estado, o defensor incansável da Revolução que ele tanto negou e denegriu.

Veja a Casa, pois, os dois homens que no Espírito Santo se enfrentaram nesta última luta política. Quanto a mim, a Casa me conhece desde as horas de luta, de receio, de perigos e de ameaças, quando resisti à comunização de minha Pátria, sonhando por uma revolução salvadora. Quanto a ele, aí estão seus conceitos sobre a Revolução.

Faço, agora, Sr. Presidente uma confissão final: nos últimos dias daquele período de ansiedade, de perigo, de agitação, quando nos reuíamos na casa de Peracchi Barcelos, com Nilo Coelho e outros Líderes, eu não acreditava mais na Revolução. Certa tarde, perguntei a Peracchi Barcelos, sob a pressão imensa dos subversivos que ameaçavam aqueles que defendiam a democracia, contra a anarguia, que defendiam o Brasil da bolchevização, que defendiam a nossa Pátria da cubanização e da russificação: "pedi armas para a nossa defesa. Ele respondeu que não as tinha. Nesse dia, eu, um mercador de esperanças, mantive os meus princípios, mas deixei que se distanciassem as minhas esperanças. Não esperava que se pudesse pôr cobro àquela situação de anarquia, anômala, que ameaçava tragar o nosso País. Está vivo Peracchi

Barcelos, está vivo Nilo Celho; estão vivos aqueles que formavam o grupo que, pelas armas pensavam resistir naquela madrugada, quando os subversivos ameaçavam avançar sobre a Câmara e nos matar aqui dentro. Naquele instante, ainda esperava por uma réstia de luz e de esperança, por uma alvorada longigua que tardava mas não iria falhar. E na madrugada do dia seguinte raiou aquela esperança pela qual tanto ansiávamos. Foi êsse o instante lancinante da minha vida pública. Pensávamos ser tragados. Estávamos sem qualquer arma, porque em tôda a nossa vida nunca portamos uma, nem mesmo canivete. Naquele instante, certificamo-nos de que Deus estava com o Brasil. E Deus nos acompanhou no espoucar da tormenta. Dintiguimos seus passos em favor da nossa causa, quando a fúria da tempestade caminhava sobre nós.

O Sr. Adolpho de Oliveira — Ouço com muita emoção aquilo que poderia ser a despedida de V. Exa., aquilo que talvez pudesse ser o canto do cisne do Deputado Dirceu, Cardoso na Câmara. Mas, conheço a fibra da sua resistência, a bravura de um homem que, para orgulho nosso, é filho de um companheiro do Estado do Rio. o valoroso e denodado Deputado fluminense, Melquíades Cardoso, figura extraordinária de homem democrata e lutador. Acostumei-me nessa Casa a admirar não apenas o talento que V. Exa. coloca em todas as suas intervenções, mas também a dignidade exemplar com que honra o mandato que recebeu do povo do Espírito Santo. Por isso, eu não aceito -- e acredito mesmo que muito poucos vão aceitar — o discurso de V. Exa. como uma despedida. Não é o canto do cisne. É a voz do guerreiro, do lutador, que será chamado de nôvo a prestar serviços ao seu Estado e ao seu País. Tenho absoluta certeza, Deputado Dirceu Cardoso, de que altos destinos terá a carreira de V. Exa. Um País como o nosso, tão pobre de valores na vida pública, não pode dispensar, não pode prescindir da atuação, da lealdade, da probidade, da dignidade, do valor de um homem que poderá ser apontado para as gerações brasileiras como um exemplo, um parlamentar digno, correto, competente e operoso. Muito bem. Palmas).

O SR. DIRCEU CARDOSO -- Sr. Presidente, essas generosas expressões que envolveram a figura de quem eu sou carne, de quem eu sou sangue, de quem eu aprendi, nas suas lições, que era preferível ser injuriado a ser injuriador, preferível ser guilhotinado a ser guilhotinador, mas que nem mesmo nas margens da morte e nas posições extremas, que exigissem quaisquer sacrifícios e quaisquer riscos pudéssemos e tivéssemos o direito de abdicar de princípios e de sacrificar a praça que, como sentinelas, nos tinha sido confiada.

Agradeço o aparte do Deputado Adolpho de Oliveira, lembrando aqui a figura de meu pai, que daqui a 10 dias comemorará 80 anos de bravura cívica, de trabalho e de serviços aos ideais que formavam a razão maior de sua vida.

Já que as emoções deste pronunciamento, nesta hora, me causaram uma situação conflagradora, quero terminar agradecendo a todos. Se não voltar, de longe, do interior do meu Estado, do meu pequenino município, continuarei a ter os olhos postos nesta Casa, que considero a criação maior das liberdades e da democracia neste País. Embora não mais fazendo parte dela, considero meus colegas como pedaços de minha fé, como companheiros de sonhos e de ideal.

O Sr. Nelson Carneiro — V. Exa. foi sempre um mestre. Educou numerosas gerações. Sua carreira política nasceu numa escola. V. Exa. continuou nesta Casa um mestre, mestre de probidade, de operosidade, de dignidade pessoal. Estamos todos certos de que o povo espiritosantense o manterá nesta Casa, mas se não o mantiver V. Exa. continuará o mesmo mestre. Lá ou aqui será o mesmo homem e para nós continuará o colega exemplar, o homem público modelar e aquele que podemos apontar aos que vierem depois de nós como o padrão do parlamentar digno, independente, culto e probo.

O SR. DIRCEU CARDOSO — Agradeço mais uma vez a generosidade do aparte do já Senador Nelson Carneiro, que muito me envaidece.

Mas, Sr. Presidente, quero, portanto ao encerrar meu discurso, dizer que amei esta Casa com entranhado amor. Procurei servi-la da melhor maneira possível, dentro da nenhumidade dos meus merecimentos, mas sempre dentro dos princípios que abracei desde o albor de minha vida e que quero que Deus me conserve até o meu último e derradeiro sono.

Se eu não a servi a meu Estado, quanto ele precisava de mim, pelo menos que Deus me conserve o dom de tê-lo amado o quanto pude. *(Muito bem; muito bem. Palmas. O orador é vivamente cumprimentado)*